



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Semana traz dados de inflação e atividade no Brasil e nos EUA

- O destaque da semana é o resultado do IPCA de fevereiro, que deve manter sua trajetória de desaceleração (em 12 meses). As atenções, contudo, estarão voltadas para a dinâmica da inflação de serviços, que voltou a acelerar nos últimos meses.** O índice será divulgado pelo IBGE na terça (12) e a expectativa é de alta mensal de 0,79%, em função dos típicos reajustes das mensalidades escolares (início do ano letivo), alta dos combustíveis (reajuste do ICMS) e ainda pressionado pelos alimentos consumidos no domicílio, embora em menor intensidade. Em 12 meses, o índice deve ficar em 4,44% (ante 4,51%).
- O mercado também estará de olho nos dados de janeiro do Caged, já que parte da evolução recente da inflação de serviços está associada ao bom desempenho do mercado de trabalho.** O resultado será conhecido na quarta (13) e a expectativa é de geração líquida de 90,0 mil vagas formais no mês, em linha ao observado em jan/23 (90,2 mil), sinalizando que o segmento formal segue relativamente aquecido.
- A semana também traz os primeiros números de 2024 do varejo e do setor de serviços, que serão divulgados pelo IBGE na quinta (14) e na sexta-feira (15), respectivamente.** Após decepcionar em dezembro, o varejo (ampliado) deve iniciar o ano em um tom mais positivo, com alta estimada de 0,7% em janeiro, beneficiado pelo aumento do valor do salário-mínimo, que em conjunto com o mercado de trabalho aquecido e melhora das condições de crédito, deve manter o consumo das famílias resiliente ao longo do ano. Já o setor de serviços deve mostrar ligeiro recuo no mês, de 0,4%, explicado, em parte, pela alta base de comparação, já que o fim do ano é marcado por um maior consumo em bares e restaurantes e com alojamento (férias).
- No cenário internacional, o destaque também é o resultado da inflação ao consumidor (CPI) de fevereiro dos EUA, que será conhecido na terça-feira (12).** O consenso de mercado prevê alta de 0,4% no mês, acima do dado de janeiro (+0,3%). Com isso, em 12 meses, o CPI ficaria estável em 3,1%. Já a expectativa para o núcleo do indicador (sem alimentos e energia) é de alta de 0,3% no mês e 3,7% em 12 meses (ante 3,9%). No geral, caso se confirme, o resultado deve mostrar que o processo de desinflação segue bastante gradual, reforçando a percepção que o Fed deve aguardar mais dados até iniciar o ciclo de cortes dos juros no país, possivelmente apenas em junho. Ainda com relação à inflação, vale notar que na semana também será divulgada a inflação ao produtor (PPI) de fevereiro, na quinta-feira (14).
- Ainda nos EUA, também serão conhecidos importantes dados de atividade referentes a fevereiro, que ajudarão os agentes a medirem o pulso da economia norte-americana neste início de ano.** O resultado das vendas no varejo sai na quinta (14) e a expectativa é de alta de 0,8% em fevereiro, devolvendo o recuo de mesma intensidade de janeiro (-0,8%), quando o setor foi prejudicado pelo inverno rigoroso no país. Já a produção industrial, cujo resultado será conhecido na sexta (15), deve ficar estável, mantendo os sinais de menor dinamismo (comparado ao varejo/serviços).
- Por fim, na Zona do Euro e na China a agenda terá poucos destaques.** No bloco europeu, será conhecido o resultado da produção industrial de janeiro, na quarta (13). Já na China haverá a definição da taxa de empréstimo de média prazo (1 ano), na sexta (15), cuja expectativa é de estabilidade em 2,50% a.a.. Contudo, dado que o governo voltou a fixar a meta de crescimento do país em 5%, número considerado desafiador, espera-se que sejam divulgados novos estímulos ao longo dos próximos meses.
- A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as datas de divulgação e projeções de mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
12/mar	IBGE: IPCA	Fev/24	0,79% m/m 4,44% a/a	0,42% m/m 4,51% a/a
13/mar	Caged: Geração de Vagas Formais de Trabalho	Jan/24	90,0 mil	-430,2 mil
14/mar	IBGE: Pesquisa Mensal de Comércio (PMC)	Jan/24	0,7% m/m 3,5% a/a	-1,1% m/m 0,0% a/a
15/mar	IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços (PMS)	Jan/24	-0,4% m/m 1,8% a/a	0,3% m/m -2,0% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
12/mar	EUA	Inflação ao Consumidor (CPI)	Fev/24	0,4% m/m 3,1% a/a	0,3% m/m 3,1% a/a
13/mar	Zona do Euro	Produção Industrial	Jan/24	-1,8% m/m	2,6% m/m
14/mar	EUA	Inflação ao Produtor (PPI)	Fev/24	0,2% m/m 1,2% a/a	0,3% m/m 0,9% a/a
14/mar	EUA	Vendas no varejo	Fev/24	0,8% m/m	-0,8% m/m
15/mar	EUA	Produção Industrial	Fev/24	0,0% m/m	-0,1% m/m
15/mar	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Mar/24 – prévia	77,3 pts	76,9 pts
15/mar	China	Taxa de empréstimo de Médio Prazo (1 ano)	Mar/24	2,50% a/a	2,50% a/a

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Indústria volta a cair em janeiro, mas alguns segmentos dão sinais de reação

A produção industrial brasileira recuou 1,6% em janeiro, resultado próximo às expectativas (-1,4%), revertendo a alta de mesma magnitude observada em dezembro, segundo o IBGE. De toda forma, o número deve ser relativizado. Isso porque, na comparação com janeiro de 2023, o setor cresceu 3,6% e a queda foi concentrada em poucas atividades, embora relevantes.

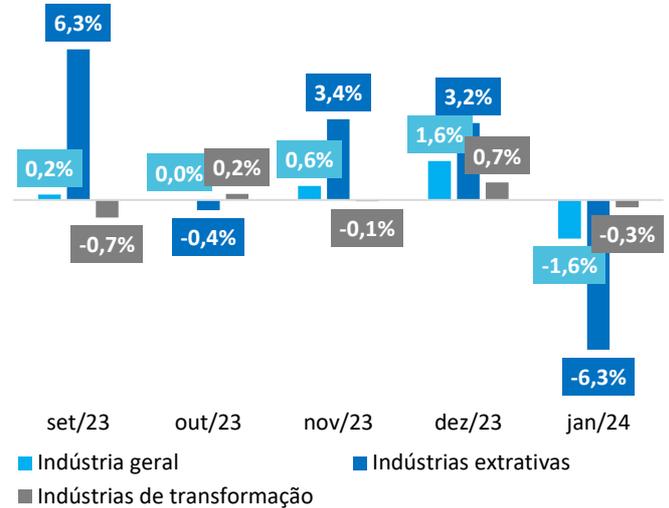
Dentre as 25 atividades que compõe a pesquisa, 18 registraram crescimento, com alta em segmentos importantes, como equipamentos de informática (+13,7%), produtos químicos (+7,9%), máquinas e equipamentos (+6,4%) e veículos (+4,0%). Com isso, as categorias de produção de bens duráveis (+1,4%) e, principalmente, bens de capital (+5,2%), registraram um expressivo avanço no mês.

Por outro lado, a queda foi concentrada na indústria extrativa (-6,3%), mais especificamente na produção de petróleo e gás, que devolveu parte do elevado crescimento de 12,9% acumulado entre os meses de setembro a dezembro. Na mesma direção, também foi observada retração na fabricação de produtos alimentícios (-5,0%), após alta de 11,3% no 2º semestre de 2023. Tais quedas penalizaram as indústrias de bens intermediários (-2,4%) e de bens semi e não duráveis (-1,0%) em janeiro.

O resultado deixa um carregamento estatístico de -0,4% para a produção industrial no 1T24, mas concentrada na indústria extrativa (-3,2%), enquanto a de transformação apresenta um carregamento ligeiramente positivo (+0,2%). Assim, embora negativo, o resultado sugere alguma retomada da indústria de transformação, especialmente das indústrias de bens de capital e duráveis, beneficiadas pelo ciclo de flexibilização monetária. Por outro lado, sinaliza uma acomodação da indústria extrativa, após expansão de 7,0% em 2023.

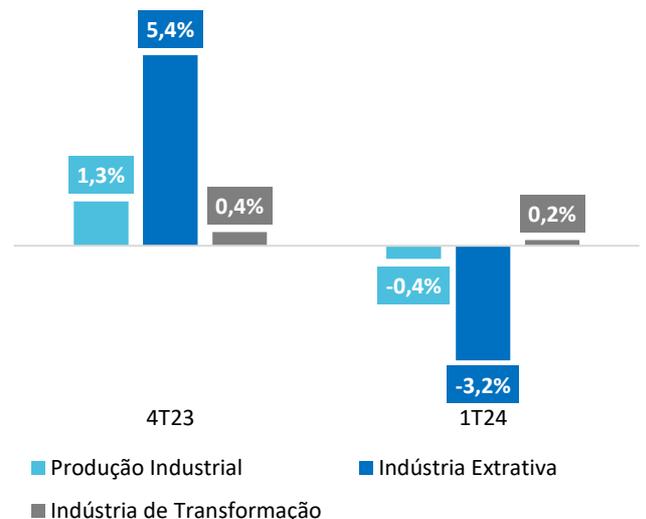
De importante peso na indústria, a semana também trouxe os dados de fevereiro do setor automotivo, que tem mostrado um começo de ano positivo. A produção total de veículos (leves, comerciais, ônibus e caminhões) cresceu 13,0% no mês, somando 342,2 mil veículos no 1º bimestre, número 8,9% superior ao registrado no mesmo período de 2023. As vendas internas também se mostram aquecidas, com alta de 4,2% no mês e de 19,8% nos meses de janeiro e fevereiro, comparado ao mesmo período do ano anterior.

Quadro 1: Produção Industrial Var.% Mensal



Fonte: IBGE

Quadro 2: Produção Industrial Var.% Trimestral*



Fonte: IBGE. *Carry over para o 1T24

Por outro lado, as exportações seguem sem tração, com queda acumulada de 28,0% no 1º bimestre, prejudicadas pela fraca performance do mercado argentino, o 2º maior importador de veículos brasileiros. De toda forma, a expectativa é que o mercado de veículos siga em retomada ao longo do ano, beneficiado pela continuidade do ciclo de redução da taxa de juros, que contribui para ampliar a demanda interna através de financiamentos.

Sobre as contas públicas, o Banco Central divulgou que o setor público consolidado registrou superávit primário de R\$ 102,1 bilhões em jan/24, em linha com o esperado. O resultado foi o melhor da série histórica para meses de janeiro (desde 2001) e teve uma dinâmica semelhante a de jan/23, quando ficou em R\$ 99,0 bi.

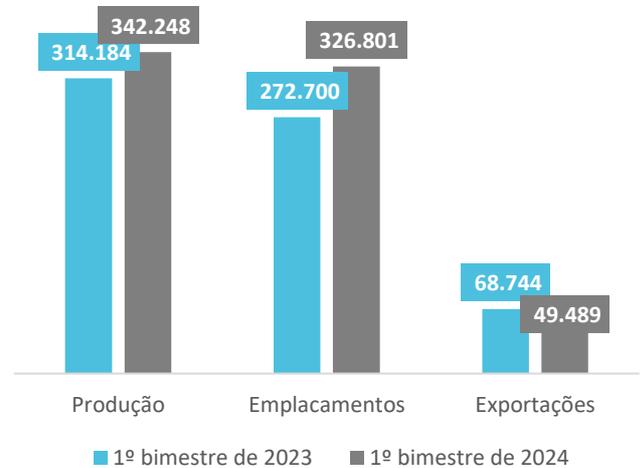
O superávit foi puxado pelo resultado positivo do governo central (R\$ 81,3 bi) e dos entes regionais (R\$ 22,5 bi), ambos pouco acima dos valores de janeiro de 2023 (R\$ 79,4 bi e R\$ 21,8 bi, nesta ordem) e impulsionados pela típica arrecadação extra em janeiro (IRPJ/CSLL a nível federal e IPVA a nível estadual), além da própria dinâmica positiva da arrecadação, como já reportado pela Receita Federal do Brasil. Por outro lado, as empresas estatais registraram déficit de R\$ 1,7 bi (ante R\$ -2,2 bi em jan/23).

Apesar do bom resultado positivo de janeiro, no acumulado em 12 meses o setor público consolidado segue apresentando um déficit primário bastante elevado, de R\$ 246,0 bi (ou 2,25% do PIB), refletindo o fraco resultado do governo central, que registrou déficit de R\$ 262,7 bi (2,40% do PIB) no período. Além disso, o superávit também não foi capaz de conter o aumento da dívida bruta no mês, que voltou a subir e atingiu 75,0% do PIB (ante 74,3% em dez/23), maior valor desde jul/22 (75,2%). Por fim, a tendência é que o indicador siga em alta ao longo do ano, quando deve se aproximar de 78% do PIB, segundo o Boletim Focus, pressionado pelo novo déficit esperado para este ano, além do nível ainda elevado da taxa Selic, que pressiona os gastos com juros.

Em relação ao setor externo, o quadro segue bastante positivo, com o déficit em conta corrente atingindo o menor nível desde maio de 2008, contribuindo para manter a taxa de câmbio abaixo de R\$/US\$ 5,00. Em janeiro, o déficit em transações correntes ficou em US\$ 5,1 bi, bem abaixo do observado em jan/23 (US\$ -9,0 bi). No acumulado em 12 meses, o déficit atingiu US\$ 24,7 bi (1,12% do PIB), o menor patamar desde maio/08 (1,08% do PIB).

A melhora é explicada pelo desempenho da balança comercial, que tem apresentado superávits robustos, de US\$ 4,4 bi no mês (ante US\$ 0,9 bi em jan/23) e de US\$ 84,1 bi (3,8% do PIB) em 12 meses, segundo o critério do BCB.

Quadro 3: Desempenho do Mercado Automotivo no 1º Bimestre – Em unidades



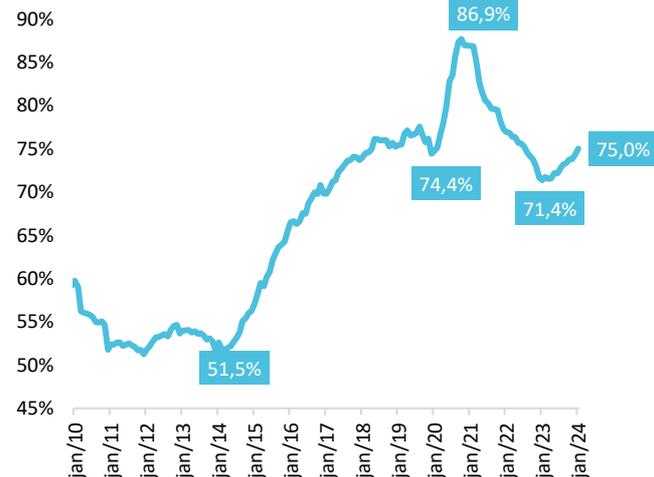
Fonte: Anfavea e Fenabrave

Quadro 4: Resultado Primário do Setor Público Consolidado - Em % do PIB



Fonte: BCB

Quadro 5: Dívida Bruta do Governo Geral Em % do PIB



Fonte: BCB

O menor déficit na conta de renda primária (de US\$ 6,3 bi, ante US\$ 7,5 bi em jan/23) também contribuiu para o resultado, beneficiado pelas maiores receitas de lucros e dividendos. Na outra ponta, houve aumento do déficit na balança de serviços (de US\$ -2,4 bi para US\$ -3,3 bi), pressionado pelas despesas com serviços de telecomunicação, computação e informações.

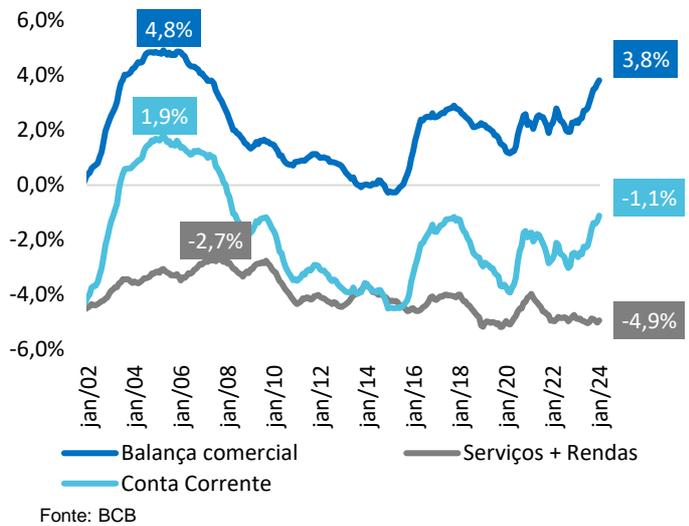
Além da redução do déficit e do baixo patamar se comparado à série histórica (2,2% do PIB), o déficit externo brasileiro tem sido financiado com folga pela entrada de capitais internacionais no país. Neste sentido, os investimentos diretos no país (IDP) somaram entrada líquida de US\$ 8,7 bi no mês, maior ingresso para o mês desde 2017, somando US\$ 64,2 bi (2,92% do PIB) em 12 meses. Já a entrada de capitais de portfólio foi de US\$ 3,5 bi em janeiro, acumulando ingresso líquido de US\$ 7,9 bi (0,4% do PIB) em 12 meses.

A semana também trouxe os dados da balança comercial, já de fevereiro, que seguiram sinalizando que o saldo comercial deve continuar bastante positivo ao longo de 2024, contribuindo para manter o déficit externo em patamar contido. A balança comercial registrou superávit de US\$ 5,4 bi em fevereiro, o maior para o mês desde o início da série histórica (1994), acumulado US\$ 106,0 bi em 12 meses, segundo o critério da Secex. O resultado foi beneficiado pelo expressivo volume de exportações (US\$ 25,5 bi), também recorde para o mês, com alta de 16,3% ante fev/23. Já as importações ficaram em US\$ 18,1 bi, praticamente estáveis (+2,4%) ante o resultado do mesmo período de 2023.

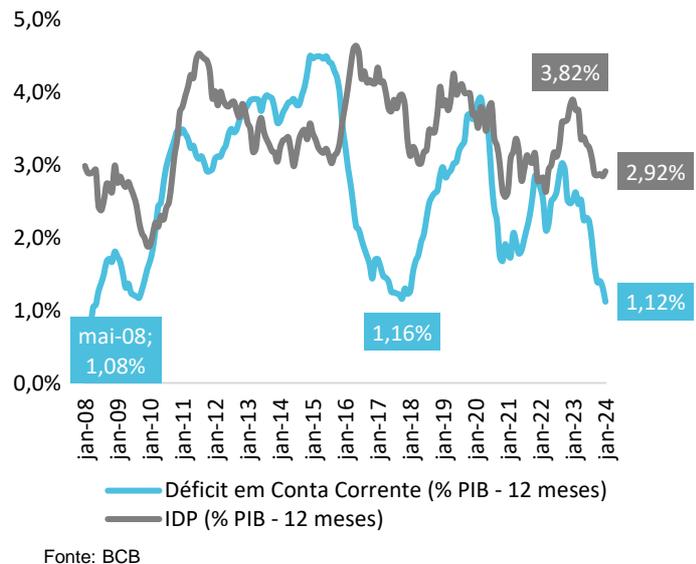
Com isso, as exportações somaram US\$ 50,5 bi no primeiro bimestre, com crescimento de 17,4% ante o mesmo período do ano anterior, impulsionadas pelo aumento do valor das vendas no setor agro (+15,5%) e principalmente na indústria extrativa (+58,6%). Já as importações somaram US\$ 38,6 bi, com crescimento de apenas 1,0% ante o primeiro bimestre de 2023, impulsionadas de um lado, pelo aumento das compras de bens de capital (+11,7%) e de consumo (+26,2%), mas com queda nas compras de combustíveis (-18,1%) e bens intermediários (-1,7%).

Após superávit de US\$ 98,9 bi em 2023, tudo indica que a balança comercial deve voltar a registrar um saldo positivo próximo a US\$ 90 bi, mesmo com a redução da safra agrícola neste ano.

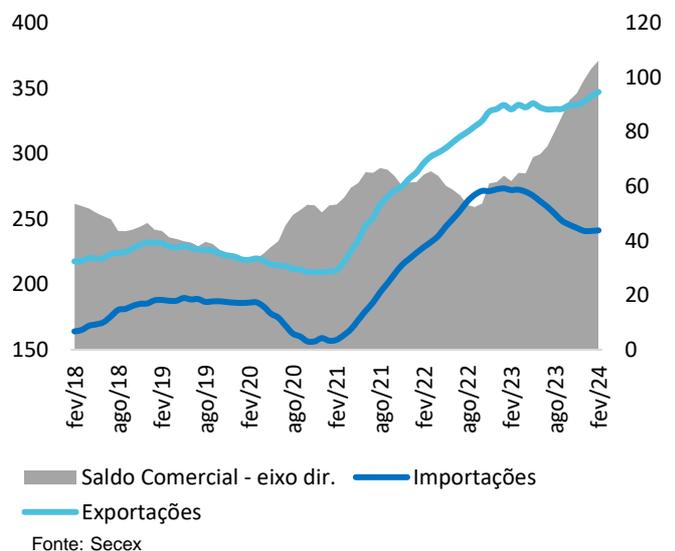
Quadro 6: Decomposição da Conta Corrente – Acumulado em 12 meses (% do PIB)



Quadro 7: Déficit em Conta Corrente e Entrada de IDP – Acum. em 12 meses - % do PIB



Quadro 8: Balança Comercial Acum. em 12 meses - US\$ bilhões



Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Desemprego sobe e sugere algum alívio no mercado de trabalho nos EUA

No cenário internacional, os dados do mercado de trabalho (*payroll*) dos EUA trouxeram números mistos, com uma nova boa geração de empregos, mas compensado pelo aumento da taxa de desemprego, que aumentou a confiança dos agentes que o Fed deve começar o ciclo de corte de juros a partir da reunião de junho. Neste sentido, em discurso no Congresso e Senado, o presidente do Fed, Jerome Powell, apesar de não ter dado grandes detalhes, disse que a flexibilização “não está longe”. Na mesma direção, o BCE apontou que, até junho, o Colegiado deve ter dados suficientes para ficar mais confiante no processo de desinflação na região. Já em âmbito político, a “superterça” praticamente decretou que a disputa presidencial nos EUA será novamente entre o atual presidente Joe Biden (Partido Democrata) e Donald Trump (Partido Republicano) em novembro, que superaram com folga os novos nomes dentro de seus partidos.

O *payroll* voltou a surpreender nos EUA com a criação de 275 mil vagas de emprego em fevereiro, acima do esperado (+200 mil). Porém, a criação de vagas veio de setores menos vinculados à atividade econômica, como saúde (+91 mil) e no setor público (+52 mil), o que alivia um pouco a preocupação quanto ao nível de aquecimento do mercado de trabalho. Outro sinal de descompressão veio da taxa de desemprego, que surpreendeu ao subir para 3,9%, atingindo seu maior valor nos últimos 2 anos, embora ainda bastante baixa para os padrões históricos. Além disso, os ganhos salariais médios subiram abaixo do esperado (0,1% ante 0,2%), desacelerando para um ritmo de crescimento anual de 4,3% (ante +4,5%).

Na China, os dados do setor externo do 1º bimestre surpreenderam positivamente. As exportações subiram 7,1% ante o mesmo período do ano passado, bem acima das expectativas (+1,8%), dando esperanças de que a demanda global está se recuperando. Já as importações cresceram 3,5%, também melhor que o esperado (+1,3%). De todo modo, a fraca base de comparação em 2023 limita o otimismo e não altera de forma substancial a desconfiança quanto ao crescimento do país no ano, cuja meta, por sinal, foi mantida em 5% pelo governo chinês.

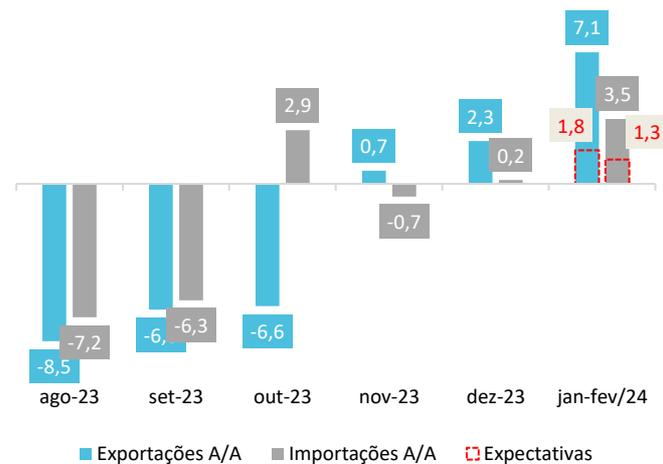
Na Zona do Euro, o BCE manteve a taxa de juros inalterada pela 4ª reunião seguida em 4,50% a.a. (taxa de refinanciamento). Na coletiva, a presidente Christine Lagarde, declarou que ainda não há confiança suficiente para dar início ao processo de flexibilização monetária, indicando que precisa de mais dados. Contudo, sugeriu que até junho, talvez haja confiança suficiente.

Quadro 9: EUA – Taxa de Desemprego % da População Economicamente Ativa



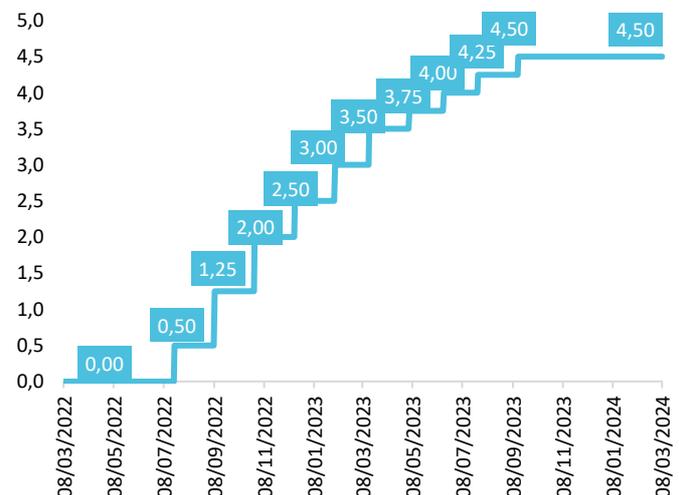
Fonte: Bloomberg.

Quadro 10: China – Exportações e Importações Var. % ante o mesmo período do ano anterior



Fonte: Bloomberg.

Quadro 11: Zona do Euro – Taxa de Refinanciamento – Em % aa



Fonte: Bloomberg.

Nota de Operações de Crédito

Crédito retrai 0,3% em janeiro, pressionado por questões sazonais

O saldo total da carteira de crédito caiu 0,3% em janeiro. O desempenho mais fraco é comum no primeiro mês do ano, pressionado por componente sazonal no crédito às empresas. De toda forma, o resultado fez com que o ritmo de expansão anual da carteira voltasse a mostrar alguma perda de fôlego (após avançar em dezembro), passando de 8,1% (revisado) para 7,6%.

Como esperado, a retração de janeiro ficou concentrada na carteira PJ com recursos Livres (-3,7%), pressionada pela sazonalidade negativa das linhas de fluxo de caixa, como desconto de duplicatas e recebíveis (-17,5%) e antecipação de faturas de cartão (-7,2%), que usualmente retraem diante do menor movimento do comércio no início do ano. No entanto, outras linhas importantes, como capital de giro (-1,7%) e aquisição de bens (-0,8%), também recuaram, reforçando a preocupação com o desempenho do segmento, que tem mostrado números modestos. Parte da explicação parece ser a substituição do mercado de crédito bancário pelo mercado de capitais, especialmente pelas grandes empresas. A carteira PJ Direcionada, por sua vez, avançou de maneira contida (+0,2%), com a expansão dos financiamentos com recursos do BNDES (+0,3%), compensada pelo menor aporte dos programas públicos (-0,4%).

Já o crédito às famílias cresceu 1,0% no mês. O avanço foi liderado pela carteira livre (+1,1%), impulsionada pelo crédito pessoal não consignado (+2,1%) e cheque especial (+9,1%), modalidades normalmente mais acessadas no início do ano em função das despesas extras das famílias no período. Na outra ponta, as linhas mais atreladas ao consumo, como o cartão à vista (-0,1%), se retraem diante da perda de tração do consumo após os eventos de fim de ano.

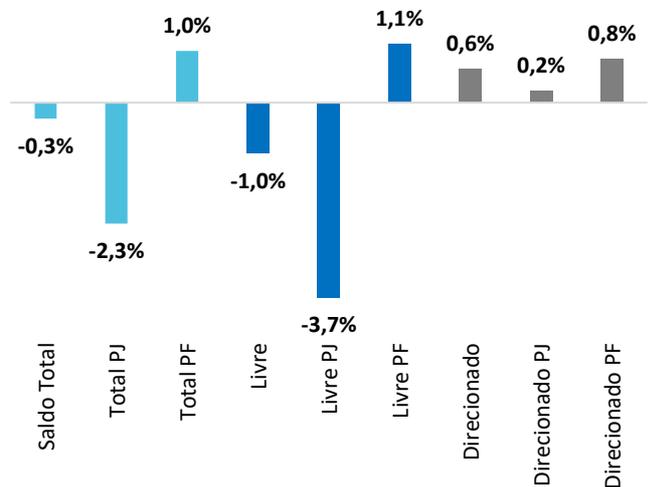
A carteira PF Direcionada também mostrou bom desempenho (+0,8%), com avanço em suas principais modalidades: imobiliário (+0,5%) e rural (+1,5%).

Em 12 meses, a perda de tração da carteira total foi explicada pela carteira PJ Livre, cujo crescimento voltou a arrefecer (de 2,2% para 0,1%), enquanto o ritmo anual de expansão das demais carteiras ficou relativamente estável. A carteira PJ Direcionada passou de 9,6% para 10,2%, mantendo a tendência de algum ganho de tração observada nos últimos meses. O ritmo de crescimento carteira PF Livre passou de 8,2% para 8,1%, sustentando o mesmo patamar dos últimos 4 meses. Já a carteira PF Direcionada saiu de 13,1% para 12,9%, mantendo-se como o segmento mais dinâmico, liderado pelo crédito rural (+17,6%).

O volume total de concessões, por sua vez, segue em expansão, mostrando aumento de 2,7% em janeiro (considerando ajustes sazonal e de inflação). O avanço foi liderado pelas operações com recursos livres às famílias (+5,2%), enquanto as concessões com recursos livres às empresas mostraram retração de 4,2% no mês (também considerando os mesmos ajustes).

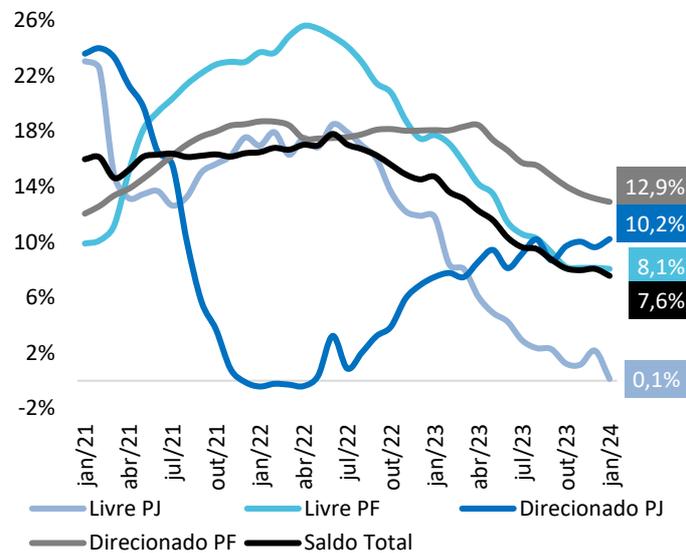
CRÉDITO / BANCOS

Quadro 11: Saldo – Var.% mensal – Jan/24



Fonte: Bacen

Quadro 12: Saldo Total e Aberturas Var.% 12 meses



Fonte: Bacen

Em relação às condições de financiamento, a taxa média de juros do SFN recuou pelo 8º mês seguido, caindo de 28,3% aa para 28,1% aa. Desde o pico (mai/23), a taxa média de juro já caiu 4,1 pp, beneficiado pela redução da taxa Selic e pelo fim do processo de alta da inadimplência na maioria dos segmentos.

No mês, o recuo foi puxado pela menor taxa média na carteira PF Livre, que retraiu 1,8 pp, passando de 54,2% para 52,4% aa. A queda foi observada especialmente nas linhas de maior risco, como cheque especial (-1,6 pp), não consignado (-3,9 pp), cartão rotativo (-26,8 pp) e parcelado (-9,1 pp). Na outra direção, a taxa média da carteira PJ Livre devolveu a queda no mês anterior e subiu 1,3 pp, voltando para 22,2% aa. A alta se mostrou disseminada nas principais linhas, como capital de giro (+1,3 pp) e desconto de duplicatas (+1,2 pp). No caso das carteiras direcionadas, a taxa média da carteira PJ também avançou (+1,0 pp), para 12,5% aa, enquanto a taxa média da carteira PF ficou estável em 9,7% aa, menor patamar desde mar/22 (9,6% aa).

Vale mencionar que o Banco Central também passou a fazer um novo acompanhamento relacionado às taxas de juros do cartão de crédito rotativo, em linha com a nova legislação do produto, que não permite que o valor pago em juros e encargos supere em 100% o valor original da dívida. Para isso, o BCB passou a divulgar uma tabela, com 15 instituições, que representam cerca de 80% do mercado do produto; com a distribuição de frequência da proporção dos juros cobrados pelas instituições em relação ao valor original da dívida. Através da tabela é possível observar que na IF com a maior taxa de juro, em 99% das operações, os clientes pagam até 28,77% do valor original em juros, bem abaixo do limite máximo estabelecido de 100%. O Quadro 15 ao lado traz uma amostra da tabela. Para acessar a tabela completa, basta acessar a página oficial do BCB, [clikando aqui](#).

Em geral, tal quadro mostra que, mesmo com juros próximos a 400% a.a., na prática, ninguém arca com tais juros, dado que a operação dura apenas 1 mês. De toda forma, o quadro é ilustrativo para mostrar que, sem uma mudança estrutural no produto, não haverá uma mudança significativa das taxas de juros do rotativo.

Voltando aos dados originais da nota de crédito, com a queda dos juros, o spread médio do sistema recuou pelo 8º mês seguido, para 19,4 pp (-0,3 pp no mês e -1,0 pp em relação à jan/23).

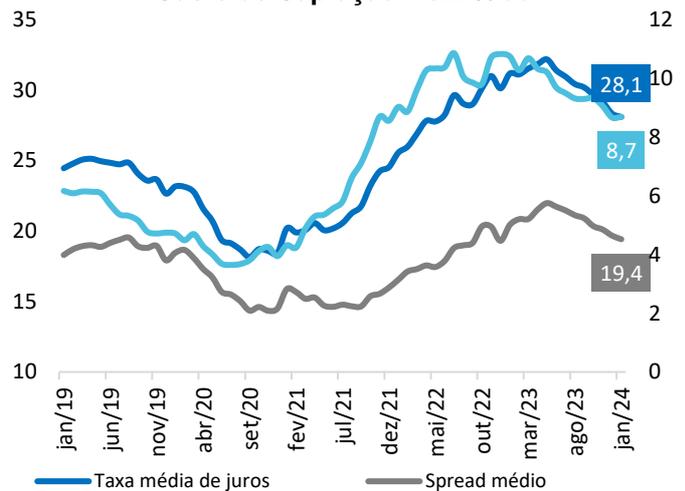
Já a taxa de inadimplência (>90 dias) geral do sistema mostrou ligeira alta no mês, passando de 3,2% para 3,3%. A alta foi puxada pela inadimplência da carteira PJ Livre, que subiu 0,2 pp, para 3,4%, mantendo os sinais de que o segmento ainda demonstra fraqueza e merece alguma atenção.

Quadro 13: Taxa de juros – Total, PF e PJ – Média do SFN – % aa



Fonte: Bacen

Quadro 14: Taxa de Juros, Spread e Custo de Captação – em % aa



Fonte: Bacen

Quadro 15: Juros Acumulados sobre o Valor Original Cartão de Crédito

Instituição	Percentil 99
Banco 1	28,77%
Banco 2	24,97%
Banco 3	24,14%
Banco 4	23,60%
Banco 5	22,70%
Banco 6	21,09%
...	
Banco 12	18,00%
Banco 13	17,86%
Banco 14	17,06%
Banco 15	14,43%

Fonte: Bacen

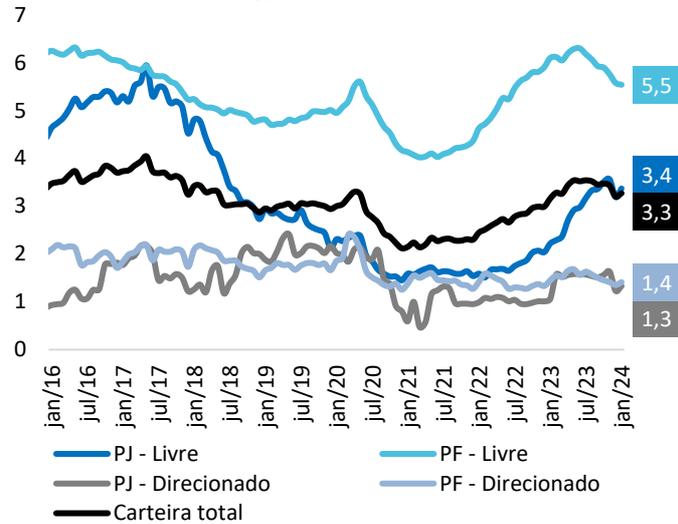
A inadimplência da carteira PF Livre, por sua vez, passou de 5,6% para 5,5%, reforçando que o movimento de queda do indicador se mostra consistente (e em linha com a melhora de outras métricas, como endividamento e comprometimento de renda das famílias). Nas carteiras direcionadas, as taxas ficaram praticamente estáveis, em 1,3% na PJ e em 1,4% na PF, ambas em níveis contidos.

No geral, o mercado de crédito começou o ano um pouco mais fraco que o esperado, mas muito por conta da carteira PJ Livre, que ainda mostra sinais de fragilidade e requer alguma atenção, especialmente diante da continuidade do ciclo de alta da inadimplência.

Por outro lado, o crédito às famílias mantém o ritmo de expansão em alto patamar e com um quadro de queda das taxas de juros e da inadimplência, reforçando a expectativa de um bom desempenho do segmento em 2024. Vale enfatizar que a queda do saldo total no mês reflete, sobretudo, os efeitos sazonais, e que, na realidade, o cenário geral é de que o pior no mercado de crédito já passou. O ritmo de expansão anual deve oscilar na casa dos 8% e, possivelmente, ganhar algum fôlego à frente, beneficiado pelo processo de queda dos juros e da inadimplência.

Para consultar um panorama mais detalhado das estatísticas de crédito, [clique aqui](#).

Quadro 16: Taxa de inadimplência (> 90 dias) – % da carteira



Fonte: Bacen

Regulação – Banco Central do Brasil

CRÉDITO / BANCOS

Diretoria de Regulação do Banco Central define lista de prioridades para 2024

O Banco Central do Brasil divulgou uma extensa lista de prioridades em sua agenda regulatória para o ano de 2024. A lista é dividida em seis temas i) Câmbio e capitais internacionais; ii) Prudencial; iii) Sustentabilidade; iv) Crédito rural; v) Inovação; vi) Outros. Adicionalmente, separou tais temas em 21 ações, dentre as quais: regulação do mercado de ativos virtuais; implementação final de Basileia 3; *Open Finance*; Duplicata Eletrônica; *Tokenização* de Ativos; Inteligência Artificial; dentre outros.

A tabela abaixo traz o resumo da lista de prioridades regulatórias do BCB para este ano:

Tema	Ação	Descrição	Entrega
Câmbio e Capitais Internacionais	Investimento em portfólio	Simplificar o processo de investimento de não residentes em portfólio	Consulta pública e normas
	Interbancário de câmbio	Aumentar a eficiência do curso das operações interbancárias no mercado de câmbio	Consulta pública e norma
	Ativos virtuais no mercado de câmbio e capitais internacionais	Regulamentar o uso de ativos virtuais em operações cambiais e para capitais internacionais	Consulta pública e norma
Prudencial	Finalização de Basileia III	Implementar novo requerimento de capital para risco de mercado (FRTB, modelo padronizado) e revisar a razão de alavancagem	Consultas públicas e normas
	Solo basis	Estabelecer requisitos de gerenciamento individualizado de riscos para determinadas instituições integrantes de conglomerado prudencial	Norma
	Instituições de pagamento Exposição a ativos virtuais	Finalizar a regulação prudencial de Instituições de Pagamento Ajustar o arcabouço prudencial para incorporar o tratamento da exposição a ativos virtuais	Norma Norma
Sustentabilidade	GRSAC - Fase II - Riscos quantitativos	Incluir informações quantitativas na divulgação de informações sobre o Gerenciamento de Riscos Sociais, Ambientais e Climáticos (GRSAC)	Consultas públicas
	IFRS - S1 e S2	Estabelecer a divulgação de informações de sustentabilidade em linha com Normas o ISSB (IFRS S1 e S2)	Normas
Crédito Rural	Sustentabilidade	Aperfeiçoamento tecnológico do Bureau de Crédito Rural e da regulamentação relacionada ao tema, disponibilizando novas funcionalidades para consulta por parte das instituições financeiras e dos produtores	Normas
	Aprimorar o funcionamento do Proagro	Aperfeiçoar a cobrança do adicional, o modelo de cobertura, a participação do Tesouro Nacional e do Agente, bem como a definição do público-alvo	Norma
	Inovação	Aprimorar o modelo de fiscalização por parte das instituições financeiras às inovações tecnológicas como o uso de imagens de satélite e monitoramento com uso de inteligência artificial	Norma
Inovação	Open Finance	Definir estrutura de governança responsável pela implementação, pela manutenção e pelo monitoramento do Open Finance e regulamentar jornada de inicialização sem redirecionamento	Normas
	Prestadoras de Serviços de Ativos Virtuais - PSAV	Regulamentar prestadoras de serviços de ativos virtuais (operacional e de autorizações)	Consulta pública e norma
	BaaS	Regulamentar o Banking-as-a-Service (relação de parcerias entre instituições financeiras e não-financeiras para a oferta de produtos e serviços financeiros)	Norma
	Tokenização	Estudo sobre a necessidade de regulação nos processos de emissão/escrituração e negociação de ativos tokenizados	Estudos
	Inteligência artificial	Estudo sobre riscos e impactos do uso de IA pelas instituições financeiras, a exemplo de risco de conduta e risco de modelo	Estudos
	Duplicata eletrônica	Instituir nova modalidade de boleto específico para liquidação de ativos financeiros como duplicata e recebíveis	Norma
	Outros	Cooperativismo	Definir forma de organização e funcionamento das cooperativas de acordo com a Lei Complementar 196/22
Catálogo de ativos financeiros		Disciplinar edição e aprovação de catálogo de ativos financeiros pelas instituições financeiras, que servirá de referência aos processos de autorização para a prestação do serviço de registro e depósito de ativos financeiros	Norma
Implementação do IFRS9		Implementação dos padrões internacionais de contabilidade	Implementação



MERCADOS E EXPECTATIVAS

Indicadores do Mercado	08/03/24	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	4,98	0,57%	0,25%	2,60%	-3,52%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	129,90	3,77%	3,12%	-1,93%	-41,32%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	10,87	-1,14%	-1,37%	-6,68%	-20,34%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	9,81	-0,40%	-0,74%	-2,24%	-23,47%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	10,48	0,75%	0,37%	4,07%	-18,07%
Índice Ibovespa (em pontos)	127.070,79	-1,63%	-1,51%	-5,30%	20,94%
IFNC (setor financeiro)	13.187,30	0,27%	-0,24%	-4,46%	31,70%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	0,00%	15,79%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,47	-1,28%	-3,14%	5,26%	-8,14%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,07	-2,51%	-4,12%	5,05%	4,40%
Dollar Index	102,71	-1,11%	-1,39%	1,36%	-2,47%
Índice S&P 500 (em pontos)	5.123,69	-0,26%	0,54%	7,42%	30,76%
Índice de ações de bancos – EUA	100,23	2,93%	1,62%	-8,48%	-3,99%
Índice Euro Stoxx 50	4.961,11	1,35%	1,71%	9,72%	15,75%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	127,42	2,93%	4,25%	7,66%	9,46%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	82,08	-1,76%	-1,84%	6,54%	0,60%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira